

O fenômeno do alteamento do [o] > [u] das tônicas, na cidade de Breves/Pa, na perspectiva da Geometria de Traços

Valena Regina da Cunha DIAS

Mestranda em Linguística pelo PPGL/UFPA

(valenadias@hotmail.com)

Orlando CASSIQUE

Doutorando em Linguística pelo PPGL/UFPA

Dra. Regina Fernandes CRUZ

UFPA/CNPq

(regina@ufpa.br)

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma abordagem formal do fenômeno do alteamento /o/ > [u] na posição tônica da variedade não padrão, à luz da Fonologia de Geometria de Traços (FGT), desenvolvida por Clements e Hume (1996). Igualmente foram consultados Câmara Jr (2006), Labov (2006, 2008), Chomsky e Halle (1968), Bisol (1989; 1996) e Wetzels (1995). Como recorte de dados, utilizou-se o *corpus* de Cassique (1995, 2003) sobre o português falado na área urbana da cidade de Breves (PA), localizada na ilha do Marajó. O *corpus* foi formado por Cassique (1995, 2003), a partir da fala de 42 informantes estratificados socialmente em faixa etária, sexo e grau de escolaridade. A formação do *corpus* desta pesquisa construiu-se a partir da coleta de relatos de experiências pessoais. Os resultados obtidos, através do uso do programa VARBRUL, mostraram que o alteamento /o/ > [u] na sílaba tônica é favorecido quando o /o/ estiver em cercania de labial ou próximo a uma nasal; é favorecido pela monotongação, quando diante das alveolares /r/ e /s/ e de oclusivas; há o espraiamento do traço [-aberto₂] de /i,u/ para /o/, pelo desligamento do traço [+aberto₂]; é de ocorrência reduzida; é um fenômeno da fala não-escolarizada.

Palavras-chave: Fonologia; variação; alteamento; vogal tônica; Geometria de Traços.

INTRODUÇÃO

Segundo Labov (2008), a linguagem é dinâmica e, por isso, muda com o passar do tempo contínua e ininterruptamente e que, mesmo variando, os falantes continuam se entendendo. Um exemplo disso seria o alteamento sofrido por /o/ tônico, não havendo mudança de sentido, no português falado em Breves/PA.

À ocorrência de alteamento, considera-se como fator motivador as vogais altas /i/ e /u/, motivado pelo fenômeno harmonização vocálica, pelo contexto fonotático em que a vogal média se encontra, pela monotongação, nos casos de ditongo, pode constituir um caso de variação do tipo mudança, em curso, uma vez que sua ocorrência implica uma linha vertiginosamente descendente; é um fenômeno da fala não-escolarizada, estigmatizado, no discurso daquele que concluiu o 2º grau.

Como embasamento teórico, adotou-se Bisol (1989; 1996), Wetzels (1995) e Clements & Hume (1995), sob a Teoria Autossegmental da Geometria de Traços, com o objetivo representar o fenômeno linguístico em questão, o alteamento da vogal média /o/.

Com isso, o artigo é estruturado em três seções: a primeira seção trata da Harmonia Vocálica e das vogais médias tônicas no Português Brasileiro; a segunda e terceira seções apresentam o alteamento na visão da geometria de traços e a análise e discussão dos dados.

BREVES

A cidade de Breves funciona como entreposto comercial e área urbana para onde convergem os negócios dos municípios vizinhos, especialmente Melgaço, Portel, Bagre e Curralinho. Na cidade objeto deste estudo os moradores desses lugares satélites fazem suas transações bancárias nas agências do Banco do Brasil e do Banco do Estado do Pará, encaminham tratamentos de saúde de médio porte e demandam portos do Rio Amazonas, que para Belém, a viagem dura 14h. Tem telefonia residencial; ensino fundamental e de 2º grau implantados; núcleo da UFPA no qual funcionam licenciaturas, inclusive a de Letras.

CORPUS

Foram buscados falantes de Breves que lá tivessem nascido e que não tivessem residido fora da cidade por mais de 2 anos, de pais igualmente breveses, todos identificados pelo preenchimento de uma ficha do informante. Foram entrevistados na faixa etária de 15 a 25 anos registraram-se dados a 7 homens e a sete mulheres, dos quais 2 estavam na faixa de escolarização em nível de segundo grau, 3 em nível fundamental e 2 eram analfabetos. Na faixa etária de 26 a 45 anos registraram-se dados a 7 homens e a sete mulheres, dos quais 3 estavam na faixa de escolarização em nível de segundo grau, 2 em nível fundamental e 2 eram analfabetos. Na faixa etária de 46 anos para mais registraram-se dados a 7 homens e a sete mulheres, dos quais 2 estavam na faixa de escolarização em nível de segundo grau, 2 em nível fundamental e 3 eram analfabetos. Foram obtidos 2045 dados, no total de 42 informantes. Alguns exemplos coletados e analisados através do programa VARBRUL:

Nº	Dados	Exemplos
01	Tudu	qui +TUdu aquele isforcu istava sendu compensadu)
02	Fulha	ja era so +FULha di qualque matu)
03	Pessua	um involvimentu cum pe+SSUa)
04	Nuite	quando chegava a +NUIti seti oito horas)
05	Fui	i eli +FUI pra la vendendu)
06	Pude	pra +PUde vim a ca pra brevis)
07	Sube	si num +SUBE si faze)
08	Uru	ta cheia di +Uru ate pela perna)
09	Furu	FURu cumeçandu a sai du terrenu)
10	Tuma	a +TUMA a posi di genti)
11	Nuivu	fiquemus +NUIvu tres anus eu cum ela)
12	Fumus	entao nos +Fumus mora la na praia ondi
13	Uitu	depois da sete +Uitu hora da noiti porque tinham medu di genti)

14	Fumu	FUmu mora la im jacunda municipiu de bagre)
----	-------------	---

RESULTADOS

O estudo da variação [o]>[u] mostrou em primeiro lugar que, na área urbana de Breves, a marca central do dialeto interiorano da Amazônia paraense – que é esse alteamento vocálico na sílaba tônica- é de ocorrência reduzida, como é mostrada a tabela:

PRESENÇA DE ALTEAMENTO	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
	536/2045 = 26%	.27

Tab.1 Alteamento [o]>[u] em Breves

Os casos em que o alteamento se dá, pois a rodada do varb2000 foi feita sob a ótica da ocorrência da variante alteamento, incidem de forma quase categórica sobre a vogal resultante de monotongação (ficú, resultante de ficou , por exemplo), conforme as frequências e os pesos relativos abaixo, na tabela 2:

RESULTANTE DE MONOTONGAÇÃO OU NÃO	PERCENTUAL		PESO RELATIVO
	RES.	15/536 = 2,8%	.99
NÃO-	521/536 = 97,2%	.12	

Tab.2 Resultante de monotongação ou não

O alteamento é mais favorecido quando um grupo consonantal antecede a vogal, o que deve ser visto com reservas em função da pequena quantidade de dados. As consoantes de natureza constrictiva também favorecem sobremodo o alteamento. Observe-se a tabela abaixo:

NATUREZA DA CONSOANTE DO ONSET		
	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
CONSTRITIVA	112/536 = 20,9 %	.78

OCCLUSIVA	$374/37 = 69,9 \%$.43
NASAL	$24/536 = 4,5 \%$.47
LATERAL	$1/536 = 0,2 \%$.02
VIBRANTE	$3/536 = 0,6 \%$.18
RAMIFICADA	$17/536 = 3,2 \%$.89
VAZIA	$5/536 = 0,9 \%$.39

Tab. 3 – Natureza da consoante do onset

A metodologia constatou uma redução de ocorrências de alteamentos à medida que o tempo passa, o que pode significar a variação do tipo mudança, conforme Labov, com o desaparecimento de uma das variantes, neste caso, a presença de alteamento. Observa-se isso no quadro:

FAIXA ETÁRIA		
	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
15 À 25 ANOS	$162/536 = 30,2 \%$.28
26 A 45 ANOS	$202/536 = 37,7 \%$.63
46 EM DIANTE	$172/536 = 32,1 \%$.70

Tab. 4 – Faixa etária

Verificou-se que a passagem de [o] para [u] nos termos em que se está estudando é fenômeno do amazônida paraense urbano analfabeto:

ESCOLARIDADE		
	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
ANALFABETO	$274/536 = 51,1 \%$.81
ENSINO FUDAMENTAL	$135/536 = 25,2 \%$.45
ENSINO MÉDIO	$127/536 = 23,7 \%$.19

Tab. 5 - Escolaridade

FGT

Na Teoria Gerativa, Chomsky e Halle (1968), a nível fonológico, os traços são marcadores classificadores que identificam itens lexicais e são binários.

A caracterização de um som linguístico como fonema depende da ausência (-) ou presença (+) de traços, os quais o opõem a todos os demais fonemas da língua.

Sob a Teoria Autossegmental, de acordo com Clements (1989), para serem diferenciadas as vogais em altas, médias e baixas, ele propôs o termo [aberto], ramificando-se de um “Nó de Abertura”. No Português Brasileiro, por exemplo, de acordo com Wetzel (1992), apoiado em Clements (1989), três traços [aberto] são suficientes para se distinguir as quatro dimensões de altura existentes no sistema vocálico da língua na posição tônica. Observa-se que a vogal alta e fechada /u/ apresenta traço fonológico desligado ou apagado, representado pelo sinal negativo, já a vogal média, fechada /o/ é especificada pelo traço [+aberto2].

MATRIZ DAS VOGAIS

Abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
aberto1	-	-	-	+
aberto2	-	+	+	-
aberto3	-	-	+	-

Fonte: Wetzel, 1992.

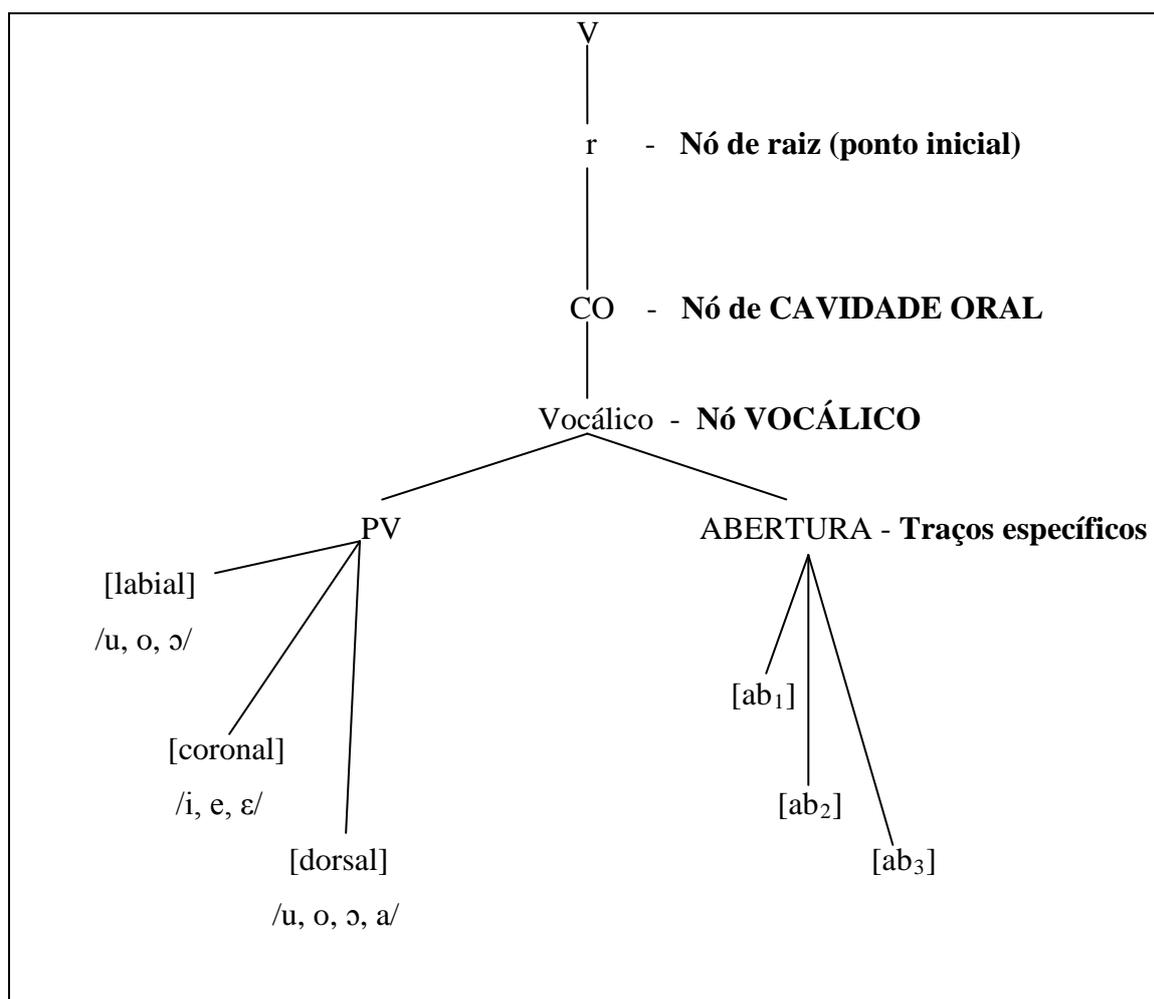
Vale ressaltar, entretanto que, segundo Camara Jr. (2007), a diminuição no quadro de vogais do português pode resultar também de uma neutralização, o desaparecimento ou supressão de oposições entre fonemas de uma língua, quando estes se encontram numa mesma posição, como nas átonas e nas tônicas do português, ficando apenas um fonema em lugar de dois. Isso implica, pois, uma neutralização entre a vogal posterior média de segundo grau e a alta posterior, havendo prejuízo daquela em favor desta. Tal fato fora observado por Cassique (2003), no estudo de traços fonéticos de Breves (PA), quando explica que “o alteamento da vogal média posterior fechada implica nos termos da fonologia estrutural, uma neutralização do contraste entre os dois fonemas envolvidos em sílaba tônica”.

Alteamento na visão da Geometria de Traços e análise e discussão dos dados

A Geometria de traços, proposta por Clements & Hume (1995), organiza traços distintivos, autossegmentos, de forma hierárquica, organizados em “tiers”. Colocados

em forma de árvore, os traços são agrupados em classes, ligadas a nós, que agrupam diferentes propriedades. Os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários, classes de traços.

Na representação das vogais, no X, o nó de raiz, é o ponto inicial do segmento e que apresenta os valores dos traços [soante], [aproximante] e [vocóide]. O nó VOCÁLICO, PONTO DE VOGAL (PV) e nó de ABERTURA, são as “classes de traços”; e os terminais, em minúsculo, são “traços fonológicos”. Todos unidos por “linhas de associação”:



No fenômeno do alteamento, ocorre a assimilação (espraiamento de traços) ou dissimilação que se dá pelo desligamento de um determinado traço por haver um semelhante na vogal seguinte, como em t[o]du ~ t[u]du; p[o]di ~ p[u]di; f[o]i ~ f[u]i, havendo desligamento no nó de abertura, segundo Wetzels (1995), ou no grau de abertura, conforme Clements (1989).

Tabela proposta por Wetzels, quando há desligamento no nó de abertura

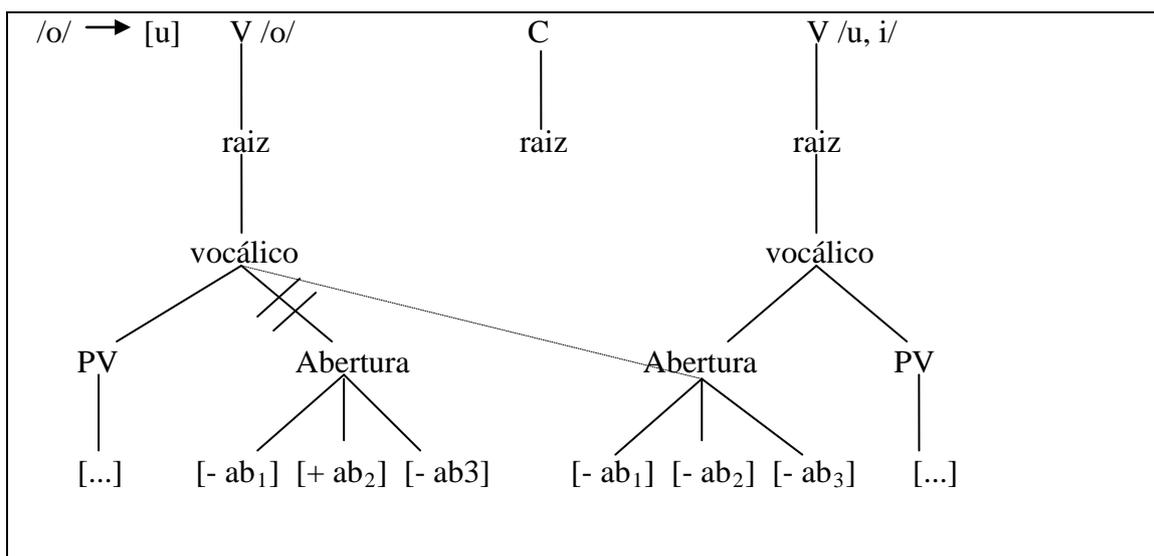
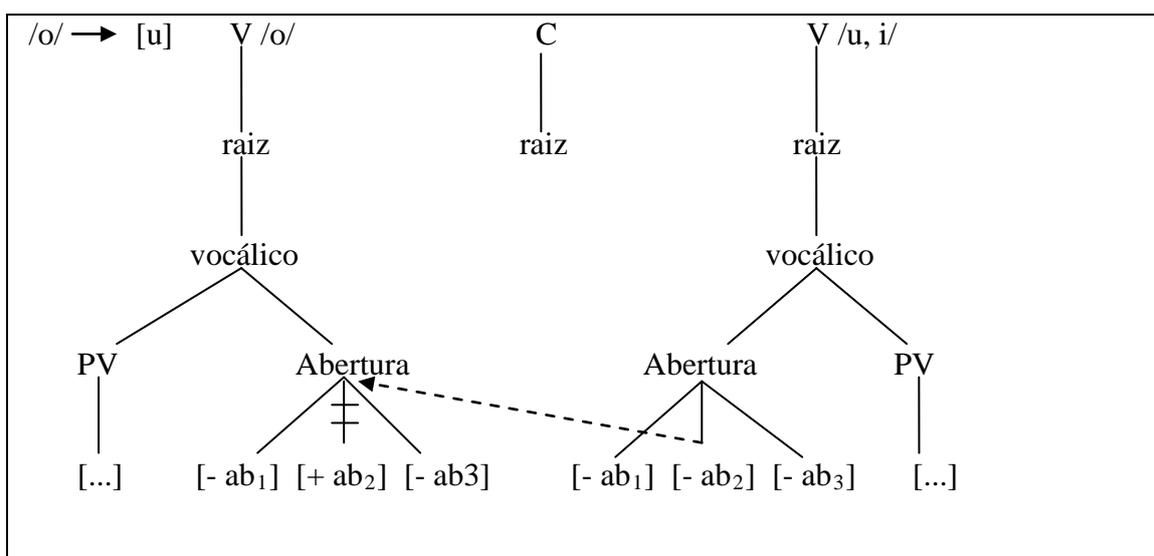


Tabela proposta por Clements, quando a vogal assimila um grau de abertura



Em outros contextos, a elevação da vogal tem caráter fonotático, ou seja, certas posições como o na cercania de labial ou seguido de /N/, favorecendo a elevação da vogal, sem a presença da alta:

a) o na cercania de labial:

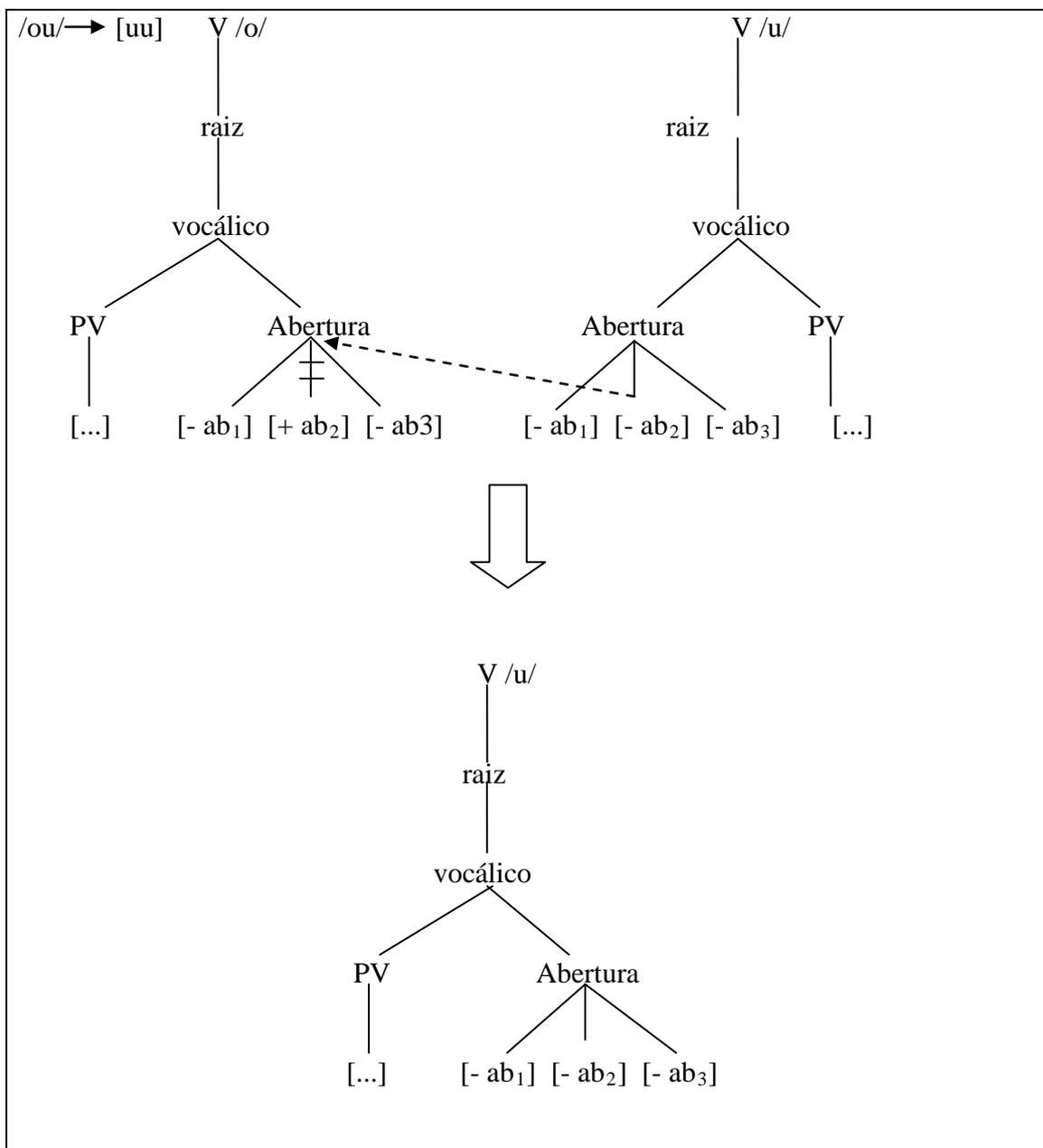
Foram ~ furu

Folha ~ fulha

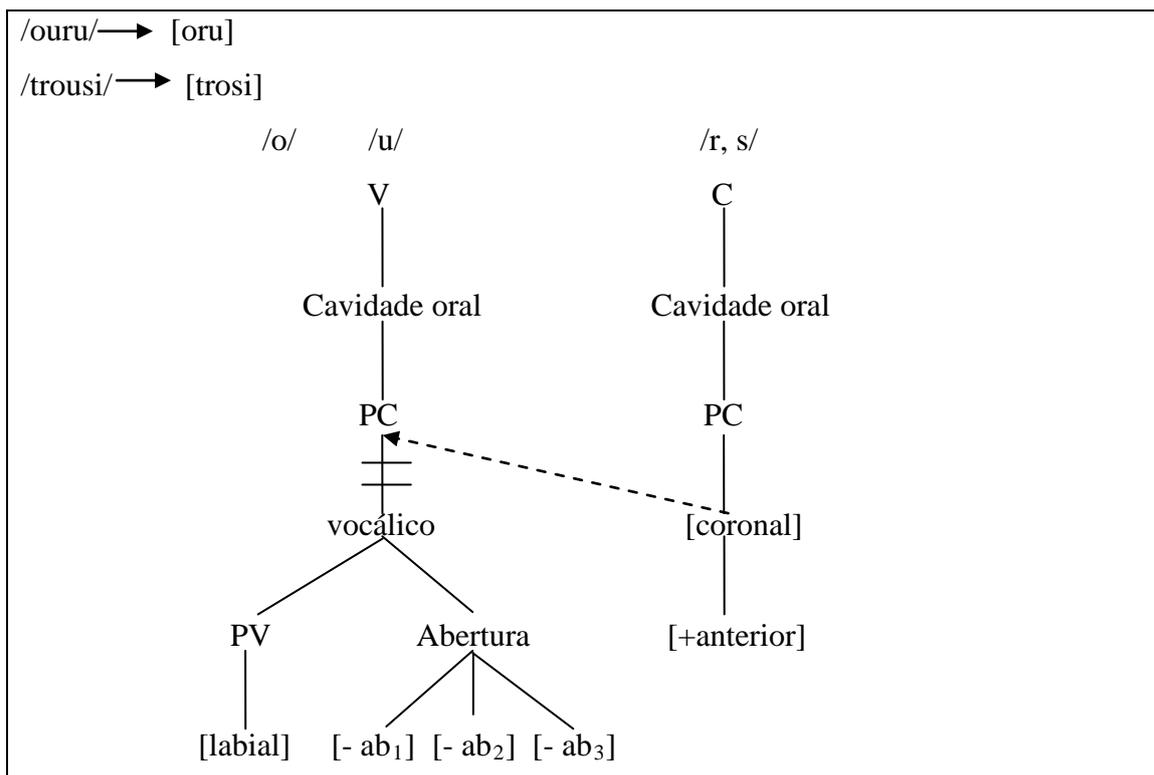
b) o seguido de /N/:

toma ~ Tuma

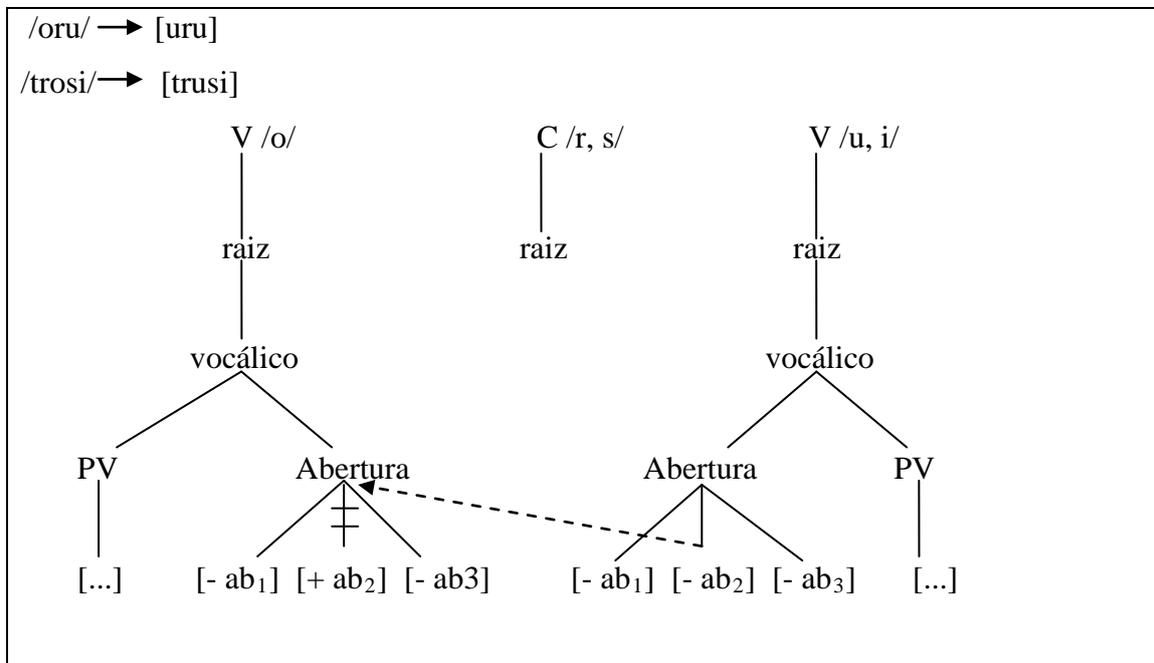
Nos casos tr[o]uxe ~ tr[u]xe; [o]uro ~ [u]ro, sugerem-se duas possibilidades de explicação: a primeira seria que a vogal média /o/, em contato com a alta /u/, sofre alteamento, mudando para /u/. Já que há a presença de duas vogais semelhantes, ocorre a união ou fusão das duas, no caso /u/, formando uma só. Esse processo é exposto no quadro seguinte:



Outra explicação baseia-se no processo de monotongação, isto é, o apagamento de /u/ devido estar diante das alveolares /r/ e /s/. Bisol (1989) explica o fenômeno como um caso de assimilação das alveolares, que espriam seus traços altos sobre o /u/, conforme quadro a seguir, adaptado de Bisol (1989):



Após o apagamento de /u/, ocorre o alteamento de /o/ para [u] pela assimilação do /u/ ou /i/ final.



CONCLUSÃO

Dessa maneira, pode-se dizer que o alteamento [o]>[u], a partir de dados coletados na Cidade de Breves-PA, apresenta-se como variante de menor ocorrência; é favorecido

quando o /o/ estiver em cercania de labial ou próximo a uma nasal; é favorecido pela monotongação, quando diante das alveolares /r/ e /s/; pode constituir um caso de variação do tipo mudança, em curso, uma vez que sua ocorrência implica uma linha vertiginosamente descendente; é um fenômeno da fala não-escolarizada, estigmatizado, no discurso daquele que concluiu o 2º grau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda. *O ditongo na perspectiva atual*. D.E.L.T.A. São Paulo, vol. 5, n. 2, p. 185-224. 1989.

_____. *Introdução a estudo de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 261 p, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas- SP: Mercado das Letras, 2002.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 35ª Ed Petrópolis: Vozes, 2007.

CASSIQUE, Orlando. *Canua cheia de cucus: relatório do projeto de pesquisa Traços fonéticos do dialeto interiorano da Amazônia Paraense no português falado na Cidade de Breves-PA: uma perspectiva variacionista*. UFPA/PROESP: Belém, 2003.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Happer e Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. *The international organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*; tradução Marcos Bagno et. al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

HULST, Harry Van Der & WEIJER, Jeroen Van De. *Vowel Harmony*. In: GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

WETZELS, W. L. *Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese*. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 19 – 55, 1992.